

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMO N.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Número avulsas 2000 - Semestre 10000
Ano 120000 - Pacote: 12 avulsas 2000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal, 190
S. Paulo - Brasil

O Camartelo do progresso tudo ataca Até o perrépismo está combalido

O fermento da dissolução penetrou nas hostes paulistas perrépistas. O sólido edifício tão habilmente escorado e amparado durante 42 annos de hegemonia única e indisputada, está abrindo gretas em todas as paredes mestras, está rachando desde a cúpula aos alicerces.

Empreiteiros interessados procuram equilibrá-lo, dar-lhe aparência de solidez, conservá-lo de pé a todo o custo. Os fatos, porém, podem mais que certas vontades interesseiras. Os acontecimentos, as ideias, as necessidades, o ambiente, o ar que se respira, tem muito mais força determinante do que os appetites e os interesses e as vaidades megalômanas duma clan restrita de apaniguados, duma tribo insignificante de velhos bonzos da politica de campanario que punha e põe os seus interesses e os de seus parentes e aderentes acima dos interesses do paiz de que se diziam e dizem servidores e representantes.

Aparecem as cisões, anunciam-se as separações e fragmentam-se todos esses elementos heterogêneos que numa amálgama artificial, numa união híbrida e vergonhosa e contranatural tem conseguido até agora, para nosso mal, manter-se conluiados para a prática de empreitadas funestas como foi o 23 de Maio e o 9 de Julho de 1932 e como foi ultimamente essa chapa unica para a disputa e o triunfo das eleições.

Mas esse casamento forçado tende necessariamente a acabar em divorcio, em divorcio ruidoso e irreparável.

Seria um caso unico e paradoxal que se fizessem várias revoluções durante dez annos para se acabar accitando precisamente os homens e as instituições e a engrenagem que deram causa e motivo e justificação a todos esses movimentos armados. Para isso excusava-se tanto barulho e tanto sangue e tantos sacrificios!

Os organismos politicos reagem, como os organismos animais, ás mudanças de clima e de atmosphera. Custa-lhes vêr-se despejados dos pedestais onde por tanto tempo ostentaram o brilho das suas nulidades, o vazio das suas intelligencias e onde exerceram a crueldade para com todos que os não reconheciam como os maiores politicos, como benemeritos da Patria, como os mais insignes cidadãos, e procuram agarrar-se a todos os pretextos, criar toda a sorte de combinações, oferecer as mais gordas compensações, enfim vence, custe o que custar, doa a quem doer, contanto que continuem de posse do mando e dispondo dos cofres publicos para alugar jornais venais, plumitivos mercena-

rios e famintos e politicos que vendem a dignidade, que renunciam á independencia moral e mental a troco duma sinecura, dum emprego ou duma cadeira de deputado.

Mas os tempos são outros. Apesar dos pezares respira-se aragem nova, briza mais fresca, ar mais sadio. Os espiritos, á força de serem feridos e chocados por tantas dissensões e contradições e acontecimentos, acabam por deixar cair a venda que os impedia de raciocinar, de pensar e de examinar os homens e os successos e os fenómenos que provocaram, percebendo que aquilo que julgavam idolos, deuses, feitiços, não passavam de impostores, de embusteiros, de charlatães que os engodavam.

Depois ha os proprios egoismos que se degladiam mutuamente. Isto de ser mandado toda a vida, de escutar, de obedecer, de curvar-se, de só executar ordens recebidas de homens que muitas vezes se reconhecem serem inferiores aos mandados,

acaba por revoltar, por indignar, por enfurecer e incompatibilisar as consciencias.

Ha tambem o prazer da vingança, o conforto de ver humilhado aquele que humilhou, condenado e vilipendiado aquele que condenou e vilipendiou.

A alma humana é tão complexa, vária e caprichosa!..

Enfim, esse bloco granítico que se julgava ser o perrépismo, está começando a derreter-se, a esboroar-se, a dissolver-se. Bem haja todo aquele que lhe esburáque o pedestal de barro, que o ajude a desagregar-se o mais rapidamente possível. Ajuntamento de violencia, de illegalidade, de arrebachos para os pequenos e de carinhos para a plutocracia, nenhuma saudade nos deixa. Morra e deixe o campo desimpedido.

Seria uma ignominia que um povo de 6 a 7 milhões de individuos, que é quanto conta o Estado de S. Paulo, um povo ativo, deligente, laborioso e empreendedor, se deixasse dominar eternamente por um grupo de homens que ainda não perderam as tradições da escravidão e que julgam que um povo se dirige como os escravos nas senzalas: a relho e salmoura.

Mas tudo tem um fim, até a tirania organizada, até os politicos carcomidos e sem entranhas! Assim, seja.

OS INTELLECTUAIS

Os intellectuais julgam-se geralmente constituídos duma argila superior á do resto dos mortais e, para com o povo, para com o proletariado, costumam ter um sorriso de desdem ou compaixão. Julgando-o incapaz de compreender as suas obras, de entender os seus livros, de apreciar os seus poemas, de interpretar os seus quadros, as suas obras artisticas.

Desta estúpida concepção derivam os mais mal entendidos e até hostilidades descabíveis mas muito desculpáveis. Diante do alheamento e do afastamento dos intellectuais dos meios populares e das suas iniciativas, e das suas aspirações e dos seus ideais, o povo, os proletarios começaram a tomá-los por burguezes ou pelo menos como seus aliados, na maioria dos casos com justa razão. Mútuo desconhecimento, provocou mútuo desinteresse, mútua antipatia. A maioria dos intellectuais fazem do proletariado o pior dos conceitos. Pensam que um operario, um obreiro, um trabalhador é uma massa bruta, grosseira e rude que não exerga um palmo adiante do nariz. Os trabalhadores, por sua vez, consideram os intellectuais como seres aéreos e metafísicos, alagados á burguezia para a justificarem em suas rapinas, defendê-la em seus apertos e dificuldades e incendá-la em seus sentimentos de luxuria e desperdício continuos.

O intelectual julga-se um ser superior que se contaminaria em contato e camaradagem com os trabalhadores, tanto mais que perderia as boas graças da burguezia, tornar-se-ia suspeito ao capitalismo, despertaria as iras e desconfianças dos banqueiros, dos governantes e dos cleros de batina e casaca.

Mas se o intelectual se julgasse apenas um operario da pena, do cinzel ou do histuri; se o intelectual se considerasse simplesmente um trabalhador intelectual e abandonasse o orgulho, a sobranceira e a suposta superioridade sobre os trabalhadores manuais e se apresentasse em seus centros, não com ares de superioridade, comando e mandonismo, mas unica e simplesmente como um igual, como um irmão mais instruído, como um camarada que volta duma viagem disposto a colaborar na obra dos seus outros irmãos, adivinhando-lhes os pensamentos, prescrutando-lhes as necessidades, os anseios e as aspirações e decidido a esclarecer, ensinar e instruir todos que disso tivessem necessidade, e a ajuda-los em tudo que coubesse em suas forças, faculdades e possibilidades, esse intelectual veria o carinho, o entusiasmo, as devoções que suscitaria da parte de todos os trabalhadores e o respeito e delicadeza com que seria tratado, querido, rodeado.

E' claro que isto só raramente, esporadicamente se poderá produzir. Ao bom senso, á harmonia e á simpatia com que os homens se deveriam conduzir uns com os outros oppõem-se caprichos, mal entendidos, interesses feridos, preconceitos de superioridade e hierarquia que separam, que afastam, que repelem em vez de atrair, unir, enlaçar e harmonizar os homens, as familias, a humanidade, fazendo de todos um só genero humano, da terra toda uma só patria, da humanidade uma só familia sem preconceitos de lingua, de casta, de cor ou de raça.

No entanto, apesar de todos os pezares, o mundo marcha e o que não se fará ao cedo evitando dissabores, desgostos, lutas, dilaceramentos, acabará por se fazer ao tarde, após toda a sorte de peripécias, de dramas, de tragedias imanes, de dôres inenarráveis. O que tem de ser tem muita força.

A GUERRA

E' a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue e da vida, e quanto mais come e consome menos se farta.

Assim se exprimiua ha mais de dois seculos Antonio Vieira.

Hoje, após a hecatombe infernal da conflagração europea que ceifou mais de dez milhões de jovens vidas, que deixou outras tantas mutiladas, cegas, surdas ou tuberculosas, que nos legou um Himaláia de odios, de rancores, de desejos de "revanche", que, em parte, é responsavel por esta crise tremenda, sem igual na historia do mundo; hoje, repetimos, as grandes potencias, estão afiando armas para... a proxima guerra.

Parece incrível, mas é, infelizmente, a pura verdade.

Quando da grande guerra, os Aliados não faziam outra coisa, senão repetir até ao enfado, que o fim da luta era destroçar, não a Alemanha, mas o militarismo prussiano, porquanto, este vencido, a paz reinaria, soberana, sobre a terra.

E os que, como eu, jamais acreditaram nessa balela e diziam que o militarismo era, e é, o sustentaculo de todo o governo burguês, éramos taxados de germanófilos.

A quinze annos de distancia do término da horrenda carnificina, os fatos, mais eloquentes do que todos os argumentos, estão aí, claros e insofismaveis, a favor de nossa tese.

A Alemanha, com o exercito que pôde ter, de apenas 100.000 homens, não constitue um perigo para a paz, apesar de estar no poder a figura caricatural de Carlito II.

Dai se conclue, logicamente, que se a paz está em perigo, é por obra e graça das nações que aniquilaram o tal militarismo prussiano, ou alemão, e precisamente: A França, a Inglaterra, a Italia, o Norteamerica e o Japão. Este ultimo paiz, em previsão de acontecimentos futuros, e para que as armas se não enferrujem pela inação, já iniciou as hostilidades, ha meses, contra a China, culpada, naturalmente, de possuir, um territorio muy extenso, e não ter meios de se defender da agressividade do imperialismo nipónico.

Este, por sua vez, alega, que sofre de superpopulação, que o seu territorio é escasso e, em parte, árido, e que necessita, portanto, da Mandchuria, para sua expansão demográfica.

O que se não justifica quando se quer invadir a casa alheia!

Em um artigo publicado em 2 do corrente, por Nitti, n' "O Estado", evidencia-se á clara luz meridiana, quais as maquinações infernaes de que lança mão a macabra internacional dos fabricantes de armas, para fomentar a guerra entre os povos, sob a capa falsa e mentirosa do patriotismo.

Para levar um paiz a armar-se até aos dentes começa-se a difundir noticias falsas, afirmando que o paiz vizinho e rival está sorrateiramente fabricando armas para uma proxima guerra, e que portanto, é preciso preparar-se para enfrentá-lo na melhor oportunidade. Provoca-se mesmo insurreições e revoluções de caráter meramente politico, já se vê, para justificar reacções tremendas e consumo de material bélico, afim de movimentar mais o mais a trágica industria de guerra.

Ha pouco um jornalista platinense fez uma revelação sensacional: afirmou que, tendo visitado o Perú e a Colombia antes da guerra, podia assegurar que estes dois paizes se guerreavam, não pela posse de Letícia, a que não ligavam importancia, mas para se verem livres do comunismo. Este jornalista não morria de amores pelo comunismo, pois se declarava até anticomunista. Os governos de todos os paizes fazem a guerra ou a ela se preparam.

Não se compreende, porém, por qual razão o povo, que por inúmeras vezes foi vitima da guerra e de todas as especulações, guerreiras, continue acreditando nas balelas forjadas "a priori" por todos os patrioteiros que se enriquecem com o suor e com o seu sangue.



Centro de Cultura Social

1.º ANIVERSARIO DA MORTE DE ERICO MALATESTA

Para o próximo sabado, 22, "A Plebe" e o Centro de Cultura Social promoverão uma sessão publica para comemorar o 1.º aniversario da morte de Errico Malatesta.

No próximo numero publicaremos mais detalhadas informações.

A. V.

Temas de sempre Anarquismo e Sindicalismo

IX

A ideia anarquista não é, segundo temos podido constatar, uma simples abstração de intelecto, não é uma quimera sem possibilidade de admitir sequer o menor contato com a realidade.

O anarquismo, na mesma hora que vivemos, é fato e pensamento, sentimento e ação: é o movimento de vontades e a filosofia de todas as potências individuais e sociais postas em dinamismo tendentes à consecução da máxima liberdade para o indivíduo e ao aumento constante do bem estar geral.

No mundo, porém, não há somente fatos fatais, produzidos pela mecânica universal e complexa da vida. Nem as ideias que põem em movimento as energias humanas são sempre um resultado forçoso imposto à consciência individualizada e seguindo uma direção unilateral.

No cosmos social são igualmente absurdos o livre arbítrio dos teólogos e o fatalismo econômico proclamado pelos rastejantes ideólogos do "socialismo científico". Existe como fenômeno subseqüente às leis inexoráveis da Natureza, a vontade humana como fator importantíssimo da evolução e criação.

As energias cósmicas agem sobre o homem como ente natural que é, e este, pelo poder da sua consciência e do seu raciocínio, transforma em ações reflexas aquelas forças, aplicando-as à vida em suas três grandes manifestações, natural, social e moral.

Um dos grandes fundamentos da filosofia anarquista é constituído pelo princípio cientificamente comprovado que se denomina **determinismo psicológico**.

Negada a possibilidade de uma relativa autodeterminação da vontade em cada um dos seres pensantes, não poderá ser concebida uma sociologia da liberdade.

Tenhamos, pois, em conta esta premissa, depois de estabelecida a sua veracidade, como um fato cientificamente aceitado.

Temos confirmado que o anarquismo é, antes que um postulado doutrinar, um movimento voluntarista. Vejamos de que modo orientar com mais acerto esta vontade, quais meios práticos e que métodos serão mais eficazes para que as vontades socialistas-anárquicas possam influir sobre as presentes condições sociais como uma potencia de transformação.

Ao expormos as ideias anarquistas numa síntese geral, mencionamos as quatro grandes denominações com que é enunciado e conhecido o problema social na Europa e na América.

Formulamos uma breve crítica das duas primeiras correntes enumeradas, das duas escolas mal qualificadas de socialista e comunista.

Analisamos agora a terceira dessas grandes manifestações: o **sindicalismo**.

Desde meados do século passado, em que o capitalismo — aproveitando invenções mecânicas, novos e mais técnicos processos dos métodos de produção — iniciou um novo ciclo de prosperidade, um novo fato social se apresenta na vida moderna: a aparência do **proletariado**.

Os operários industriais, aglomerados nas grandes fábricas dos centros de população, vítimas de uma maneira cada vez mais intensa da "ferrá lei do salário", tosquiados e oprimidos dum modo sem cessar crescente por fim, depois de cruéis sofrimentos, a sentir-se irmanados pela dor.

Determinados por esta situação econômica e moral, os trabalhadores da Europa ocidental realizaram no período de 1830 a 1860 a primeira etapa de um movimento associativo que depois se tornaria geral. Organizações de proletários de diversas profissões foram constituindo-se neste decurso de tempo com fins de apoio mútuo e defesa comum.

Como resultado deste processo de fatos e de vontades, sobreviu em 1864 a formação da Associação Inter-ganção dos Trabalhadores.

A partir daqueles anos, o movimento operário que associa aos explorados para resistir aos embates da exploração, seguiu com incremento e demonstrando constantemente mais vigor em seus vínculos de solidariedade.

Mas note-se bem: a velha A. I. T. foi edificada sobre uma base puramente corporativa. Carlos Marx pronunciou a famosa expressão: "Trabalhadores do mundo, uni-vos". Esta proclamação oferece-nos, com uma face bem clara, a **disciplina moral da Internacional**.

O mesmo homem, alentador deste

grande movimento unionista, quebrantará depois o propósito indefinido da associação, querendo encaminhar as ações que a integram pela estrada do reformismo e da conquista do poder.

Tal orientação que implicava num desvio flagrante, numa claudicação da rebeldia exteriorizada contra o jugo patronal e contra a dominação autoritária, devia encontrar uma resistência. Os operários espanhóis, jurassianos, italianos, etc., possuindo uma compreensão mais ampla dos fins que o proletariado organizado devia traçar-se, expressaram a sua rebeldia a sua inconformidade contra o pensamento tortuoso do Conselho Geral daquela entidade. Miguel Bakunine sustentou, interpretando o pensamento de todos, a oposição mais rude e tenaz.

É indubitável que toda agrupação humana, cujos membros se associaram determinados por uma vontade sentida, deverá traçar-se também uma finalidade. Lógico era, pois, que sendo um desejo revolucionário o que unia aos trabalhadores de todos os países, se propuzessem como objetivo comum chegar a uma transformação profunda, preparar as condições indispensáveis para uma revolução social.

O movimento orgânico dos trabalhadores que se tem inspirado, com declarações mais ou menos precisas, em um ideal renovador, cujos componentes aspiram a uma mudança fundamental das bases e da estrutura orgânica da sociedade, é o que se tem qualificado com o termo **sindicalismo**.

Pois bem: permita-se-nos perguntar: este nome vai mais além de um simples e convencional denominação?

Ninguém ousará negar que antes de conhecer-se este termo — antes que os camaradas anarquistas da França prestassem, inventando-o, um fraco serviço às ideias — não existisse o movimento operário, as organizações proletárias, ou bem seguindo uma trajetória reformista ou inspiradas num anelo de revolução.

Para que, então, novas classificações gramaticais? O verbalismo em nossas atividades intelectuais é uma funesta herança do culto latino à Retórica e do tributo rendido na Idade Média à Metafísica, cujas consequências confusoras haveremos de suportar por muito tempo ainda.

E' de lastimar que os nossos companheiros franceses, Pouget, Ivetot, Thuillier, Pelloutier, Tortillier, etc., não tivessem em conta as lições de sã reação contra tudo que significa aparatosidades lingüísticas e complicações inobjetivas da vida e do pensamento, seguindo o exemplo do mestre das letras francesas e nosso grande precursor François Rabelais!

Temos impugnado nas linhas precedentes, não só o defeito da logomaniacal infiltração na esfera do pensamento revolucionário, mas também — e o que é pior — as complicações levadas ao terreno das determinações e da atividade quotidiana.

Que esta observação corresponde a uma lamentável verdade comprová-lo-emos ao examinar as direções que tem seguido a vontade de fazer, inspirada e alentada pelo pensamento anarquista, que por sua vez — não há que esquecer-lo — foi concebido e elaborado recolhendo experiências e consultando fatos.

I. M.

COMPANHEIRAS, A POSTOS!

A ti, me dirijo, mulher proletária, porque é chegado o momento em que é necessário que compreendas que não é esse o lugar aonde estás metida o que te compete nesta sociedade corrompida em que vivemos. Não descobristes ainda que o teu dever é lutar ao nosso lado por uma causa que a todos nos diz respeito e que ninguém sentiu nós mesmos poderemos conquistar? Pois vou-te explicar: a tua vida atualmente está cheia de toda a classe de perigos e de humilhações. E qual é a razão? A verdade é esta, crua e nua. Tús tremes deante do patrão, deante do gerente, qual frágil varinha agitada pelo vento, apesar de deixares o teu sangue generoso pegado à terrível máquina onde trabalhas horas e horas consecutivas a troco de uns míseros tostões que acabam por aniquilar pela fome, a tua preciosa existência. Não tremas, com-

panheira! Revolta-te e mostra que não és a escrava que eles julgam, pois tu, companheira, és digna de melhor sorte. E quando sentes um pequenino ser mexer em teu ventre, criando-se já raquítico pelo esforço que fazes no trabalho que tens que suportar até à última hora, não te revoltas? Tu que amamentas o teu pequerrucho e lhe dás vida, no momento em que já saíste compreendendo diz-lhe bem alto, estas palavras candentes como a lava do Vesúvio e sublimes como a maior entre as maiores das obras: Amor, Justiça e Fraternidade para todos os homens sobre a terra. Não vês como eles ágem, levando a miséria aos lares e implantando o terror com as suas garras aduncas esse horrível fascismo?

Companheira, que me lês, afasta-te completamente da Igreja, e com o teu verbo cheio de amor, leva sempre em mira a propaganda do Ideal que nos une na desgraça, e em toda parte nos subúrbios, nos bondes, na praça pública, espalha a semente pura do Anarquismo; imita, proletária querida, as companheiras da Espanha que preferem morrer nas barricadas das ruas antes que ser fustigadas pelo látigo dos jesuitas e caterva. Já vês, companheira, que devemos lutar unidos em prol da nossa obra, porque entre nós não há, não existe, sexo fraco. Todos somos iguais e fortes e venceremos para bem da humanidade.

Para a frente pois, Companheiras, a postos!

Lupláñez.

Depois da tempestade vem a bonança

Quando nós livres, — sim livres deste cativeiro onde muitos senhores nos oprimem, — livres das algemas do despotismo capitalista que não nos deixa gritar pela liberdade; livres das medonhas garras clericais, que querem enturvar a nossa mente de livres pensadores, com as suas basófilas de excomunhão eterna, e depois de amarrarmos o terrível fascismo em perspectiva de dominador; quando nós enfim pudermos gritar pela fraternidade, igualdade e liberdade; quando desoprimidos de todas as leis bestiais dos homens, só então veremos os horizontes infinitos cheios de promessas douradas, e sentiremos em nossos corações dilatados as primícias de uma nova vida de felicidade e doçura; não sentiremos mais aquela má-gua curtida e contida em nosso peito, de não podermos amar aquela ou esta mulher, porque é filha do senhor doutor, e nós somos míseros proletários; não sentiremos mais isto porque então reinará a igualdade; não veremos mais os lares pobres devastados pela fome, com os lindos querubins trémulos de frio, porque os seus papás não têm trabalho, ou os que trabalham são mal remunerados; não veremos mais esse triste quadro porque haverá trabalho e pão com fartura, pois cada um dará o que puder, e obterá o que necessitar.

Camaradas, se quereis amar a mulher que vosso coração escolheu para esposa digna de um lar feliz, sem distinção de classes; se quereis ver os lares pobres fartos; os que buscam a justiça encontrá-la; a velhice amparada; os que choram serem consolados, correi sem hesitar a unir-vos, e num só brado gritar pelo anarquismo! Sim, pelo anarquismo, pois só os anarquistas teem um ideal tão belo, tão nobre e puro.

Ribeirão Preto:

LUIZ BALBONI.

O dr. Pontes de Miranda e o anarquismo

A propósito do seu livro "Anarquismo, Comunismo, Socialismo"

Sob o título comum de **INICIAÇÃO SOCIALISTA** propõe-se oferecer ao público estudioso a mencionada casa Editora diversos trabalhos. Anuncia-se uma coleção de sete volumes, de entre os quais o que serve de epígrafe a este artigo crítico é o primeiro da série. Serão originais todos eles da pena do sr. Pontes de Miranda.

Trata o livro que nos ocupa de um estudo em que, de parte a sua boa apresentação e confecção tipográfica, o autor, com a disciplina mental própria de um catedrático, sabe ajustar-se ao propósito de um iniciador de seu trabalho e expô-lo com precisão técnica e com um método e linguagem que facilitam a compreensão da sua tese.

Cinco capítulos constituem o conteúdo de 142 páginas de leitura.

No capítulo I, ainda que de modo demasiado conciso, faz uma análise crítica do Estado; de suas primeiras manifestações ético-jurídicas e da sua estrutura exterior, a partir do século XV, como incipiente estado moderno.

Não discutiremos que o pensamento unitário imposto á força na Idade Média pela Igreja Romana e pelo Estado depois, acelerou no mundo Ocidental a consciência da Unidade.

Porém, não é menos certo que a partir deste fato de força que constitui talvez o primeiro princípio dos Estados devoradores do século XVI, o mecanismo estatal se consolida e se acrescenta, desenvolve-se com um poder cada dia mais incontenível, em suas funções expansivas e absorventes, em suas ideias dominadoras, em seus fatos brutais. Não chegará a estas conclusões o escritor cujas opiniões estudamos, pois que comprovamos desde a primeira página do prefácio deste livro, que é um defensor e partidário do Estado, uma mentalidade autoritária e um militante ou propagandista do estatismo, mais que um investigador desapassionado.

Imediatamente depois, assinala os males que tem sido e continuam sendo inerentes ao Estado, em mãos da aristocracia e da plutocracia.

Divergindo do Professor de Direito, opinamos que o mencionado aparelho de dominação apresentará amanhã, como hoje e como ontem, os vícios que lhe são intrínsecos.

Com respeito á sua crítica ao capitalismo, coincidimos em linhas gerais.

No segundo capítulo procura ajustar as doutrinas anarquistas, principiando por antecipar que é bem difícil falar-se delas em duas dezenas de páginas.

Começa dizendo "que em vez das Monarquias, das Aristocracias, das Democracias, o anarquismo quer a ausência de autoridade e sem mais preâmbulos, sem mais amplas considerações pergunta se tem algum valor, presente ou futuro, tal sonho acrala".

A realização do Socialismo e a abolição das classes é fórmula comum para o Anarquismo, o Comunismo e o Socialismo ensiderados como movimentos sociais ou grupos humanos, diz o autor.

Mas os taumaturgos da lei, os sacerdotes do autoritarismo, serão capazes por suas virtudes extraordinárias e pelo poder milagroso de seus decretos de realizar tal objetivo. O povo, ou uma minoria considerável deste, emancipado, curado do veneno jesuitico da obediência, e com ele os anarquistas, nunca poderão — segunda se nos dá a entender — impeller a evolução e

propulsar a revolução para terminar com as classes economicas e com as hierarquias autoritarias.

Eliminar hoje, desde agora mesmo, o desejo de dominação da consciência do homem, aplicar contra o dogma comum da vasalagem o contraveneno da ideia de liberdade, descrentizar a sociedade, é para o publicista e professor de Direito, uma quimera anarquista.

E o privilegio de vagar pelas regiões da fantasia anti-autoritaria, está permitido unicamente aos anarquistas utópicos, teóricos. Os que não somos intelectuais, os que não entramos na esfera dos homens de ciência, os anônimos, os que não figuramos a par de Reclus, Kropotkine, etc., no campo da literatura ou da ciência somos "anarquistas tarados, destruidores, rebulhalho mais ou menos degenerado que se apega a uma ou outra doutrina social, para justificar os seus instintos de criminalidade e de terrorismo. São objeto das leis penais e dos regulamentos de assistência mental".

Nós pediremos amistosamente ao sr. Pontes de Miranda que escreva um livro explicando, aos anarquistas e ao proletariado revolucionário do mundo inteiro o enigma, para nós, para tantas pessoas de bom senso, indecifrável, da possibilidade de de um "governo livre".

E prometemos lê-lo por muito volumoso que seja.

Que os anarquistas com Proudhon tenhamos "os olhos fitos no zero do despotismo", não significa outra coisa que tender ao quantum de liberdade, que chegar, sem nos perder em labirintos democráticos, ao maximum de independência do indivíduo, pelo unico caminho conducente a este fim: pelo caminho da **LIBERDADE**.

Traduzimos:

"Anarquia ausência de senhor, de soberano, tal é a forma de governo (?) de que nos avizinhamos todos os dias..."

"A interrogação é nossa" — disse o autor do livro que acabamos de lêr.

Constitue para ele uma surpresa indescritível ou uma contradição piramidal, que, depois de negar o patrão e o governante, Proudhon fale de uma forma de governo.

Permita-se-nos a imprudência de ocupar o lugar do nosso grande teórico por um instante para contestar á pergunta: trata-se, sr. Pontes de Miranda, do Self-government, do auto-governo dos grupos e das coletividades, cujos membros integrantes terão um criterio tão atendível como o de qualquer metafísico do direito.

Reconhecemos que vamos cometer uma heresia, mas que se nos perdõe o não poder suportar a tentação de pronunciá-la: Parece-nos que o sr. Pontes de Miranda, se bem que tenha baralhado livros e borboleteado por sobre as páginas de autores anarquistas, é tão desconhecedor das ideias que defendemos, como ignorantes somos nós do casuística legislativa e dos arcaicos textos do direito escrito.

Compreendemo-lo suficientemente, senhor professor. Kropotkine aos 18 anos era um investigador e observador dos costumes humanos e um estudioso das distintas manifestações da vida animal e dos fenômenos da natureza: um etnólogo e um geógrafo em principio. Com essa idade, ainda com brilhantes exames, saíste tão provavelmente um vulgar estudante de leis e de códigos.

O sábio russo Kestler, o diretor

da famosa revista londrinese "Nineteenth Century", Russell, Wallace, Haeckel e os grandes naturalistas do seu tempo, reconheceram a sua grande competencia na disciplina scientifica que todos dominavam.

O sr. Pontes de Miranda, seguindo uma direcao completamente diferente, formou a sua mentalidade em um mundo emaranhado e abstrato que se chama jurisprudencia. Por isso e recheio o seu cerebro com conhecimentos retóricos, preparados nessas retortas denominadas códigos e destiladas através de cem alambiques constitucionais.

E' por isso que, quando Kropotkin apresenta como superior o DIREITO CONSUETUDINÁRIO — que ainda praticam os esquimós e outros povos primitivos; os índios quechuas entre outros, etc. — as fórmulas vazias "economico-juridicas" e "politico-juridicas" que quando, com observações conscienciosas demonstra que "é o apoio mútuo, como falo biologico e social, ainda mais relevante que a luta, e o formidável réplique a Huxley em sua conferencia "Justiça e Moralidade" do teórico do comunismo anarquista, todo isto, dizemos, para o catadralico carioca não significa outra coisa que "uma ilusão de ótica". A parte muitas outras coisas

que nos separam, ha uma disparidade muito singular entre o escritor desta monografia e a maioria dos anarquistas: nós julgamos da vida, das sociedades e da relação do homem com estas, com um criterio severamente objetivo; ao contrario, o autor estuda os mesmos fenômenos de uma maneira menos substantiva, subjetivamente, desde um ponto de vista especulativo, perdendo o conteúdo e ficando o continente, fazendo loggnaquie.

Assim encontramos parágrafos em seu livro — é nosso dever confessá-lo — que se nos torna difícil penetrar como o que segue: "A Ciencia, e somente ela, é praticamente adespótica. O seu coeficiente é 1. A Arte, mais despótica. A Moral, ainda mais. A Moral só é menos despótica que os outros processos adaptativos. O Direito, a Religião, a Política, a Economia. O eticismo anarquista é mais despótico que o socialismo, porque este, com a economia de plano e a educação de plano, associa os elementos da Ciencia, da Moral e dos outros processos adaptativos, mas, sobretudo, da Ciencia e da Moral".

Finalmente, o que antecede a aquela outra afirmação de que "o Estado virá a ser tão perfeito que não se sinta". — não podemos concebê-lo.

(Continua).

378500, de passagem de estrada de ferro.

Alguns operários revoltaram-se com tal modo de proceder pífido e falso de ditos empreiteiros, encontrando-se na mais critica das situações, expostos a ser expulsos do hotel, visto que o ordenado que receberam não dá para pagar a despesa que fizeram.

Entre esses estão, tres operários brasileiros, José Vieira Lima, Euzébio Pimentel da Silva e Felipe Santiago, contratados em Araçatuba pelo espanhol João Rodriguez, braço direito dessa firma exploradora.

Eis em resumo, o que se passa lá por essas longuinhas paragens e o que se dá mais ou menos por toda a parte. Que os trabalhadores se unam e se defendam dos seus exploradores!

"A Lanterna"

... que enfim, surgiu a luz da publicidade do tão esperado órgão anticlericalismo e do livre pensamento: para espancar as trevas da ignorancia, da cegueira moral e mental, das superstições troglodíticas dos espiritos mergulhados nessa atmosfera mefítica e escura de tradições arcaicas e mentirosas, abajados nesse ambiente de crenças fantásticas, antiquadas e holorentas que impedem a marcha da humanidade para seus mais altos e radiosos destinos.

Ao tradicional e conhecidissimo órgão anticlerical a "A LANTERNA" damos as nossas mais calorosas boas-vindas, augurando-lhe uma vida longa e cheia de pugnas antiescísticas, de combates anticlericais, de lutas homéricas contra todos os sacerdotas de batina e casaca que conspiram na sombra, dia e noite, contra aquilo que a humanidade tem de mais caro e de mais puro, o espirito de liberdade em todas as suas manifestações: intelectuais, morais, físicas e religiosas.

"A LANTERNA" appareceu profusamente ilustrada com um cliché inédito mas apropriado que irá certamente fazer um sucesso por este Brasil a fora, despertando os mais vivos aplausos. Além disso, uma impressão nitida, artigos doutrinários e variados, anedotas, noticias do movimento anticlerical de todo o Brasil, finalmente não enganou a expectativa criada ao seu redor e que conquistou já também noutros tempos.

Os anticlericais brasileiros estão pois de parabéns. "A LANTERNA", dirigida pelo nosso camarada Edgard Leuenroth, tem a sua relação á rua Senador Feijó, S.B., onde as interessados poderão pagar e tomar as suas assinaturas ou tratar de qualquer outro assunto que se prenda com o jornal. A correspondencia poderá ser dirigida para a Caixa Postal, 2162 — S. Paulo.

LOUVAVEL INICIATIVA

Festival pró "A Plebe"

Um nucleo de esforçados camaradas organizou para o dia 15, ás 20 horas, no Salão da C. D. R. — PORTUGAL-BRASIL, sito á rua Bernardo Nogueira n.º 22 (Bosque da Saude), um festival de solidariedade para "A Plebe", durante o qual será desenvolvido o seguinte PROGRAMA:

- 1.º Conferencia.
2.º Representação de "A Derrocada".
3.º Uma fina comédia.

E' de esperar que todos os amigos do jornal, residentes nas vizinhanças, compareçam para com sua presença prestigiar os esforços das camaradas organizadoras e concorrer para que possamos anular o DEFICIT que pesa em nossos balancetes.

O nosso festival

Constituiu um verdadeiro sucesso o festival de solidariedade pró "A PLEBE", realizado no sabado ultimo no salão Celso Garcia.

O salão que é a maior que conhecemos nesta capital, ficou á pinha de camaradas que pressurosos acorreram com suas respectivas famílias a esse ato de solidariedade para o nosso semanário. Foi de fato uma festa familiar libertaria em tudo e por tudo, quer em sua finalidade, quer no seu conjunto, pois foram horas de verdadeira camaradagem; e de harmonia vividas num salão que comodamente só comportaria dois terços das pessoas presentes.

A peça de Olig Damiani, "O Milagre", agradou tanto pelo seu entreccho como pela forma como foi representada pelo grupo de amadores que nela tomaram parte; esforçando-se cada qual "viver" o papel que representava.

O camarada Pinho leu uma longa e substanciosa conferencia, na qual estudou e desenvolveu vários assuntos de cultura e de educação infantil e social.

No ato variado varias foram as pessoas que prestaram o seu concurso, sendo de notar que nele tomaram parte muitas jovens, meninas, meninos e até um "palminho" de gente de quatro anos de idade que reclinou, com o encanto e a graça de uma criança dessa idade, uma poesia.

Outros cantaram tangos, outros disseram versos e anedotas.

Foi, como sempre tem acontecido, uma noite de propaganda e de diversão para a familia de "A PLEBE". A todos que acorreram ou que concorreram com sua colaboração ao nosso: — muito obrigado!

UM GESTO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Eram 20 horas. No salão já não havia uma só cadeira vazia. E familias, e mais familias iam chegando. Fez-se preciso providenciar para acomodar, o mais possível, a todos. Um camarada lembrou de que se podia ir buscar as cadeiras da Federação Operaria. Num instante, um numeroso grupo de camaradas prontificou-se a ir buscar as cadeiras e bancos. E lá fomos, como formigas a caminho da Federação e em menos de meia hora, o salão de festa ficou repleto de assentos.

E assim, graças a este gesto nobilissimo de solidariedade e de desprendimento, (pois cada qual estava com sua fatiôta domingueira e não vacilou em amarrotá-la), o festival de "A PLEBE" pôde acomodar maior numero de seus amigos e camaradas.

Gestos como este dignificam a solidariedade humana e social.

Um absurdo

No sabado passado o nosso camarada Antonio Aguilar, vinha á cidade num bonde da Penha, lendo "A PLEBE" socegradamente. Ao saltar próximo á rua 25 de Março foi intimado por um agente que viajava no mesmo carro, para ir falar com o dr.

E com essa frase, que ainda é sinônimo de prisão, lá foi o nosso amigo parar no Gabinete da rua dos Gusmões.

E lá esteve engatolado durante tres dias. De quem partiria tão absurda arbitrariedade?

Amigos da propaganda libertaria

Com a denominação que encabeça estas linhas, constituuiu-se no dia 11 do corrente, uma agremiação de propaganda, composta de todos os elementos voluntariosos e simpatizantes das ideias libertárias. O objetivo desta nova organização é trabalhar, trabalhar muito na divulgação da nossa imprensa, das nossas publicações e, sobretudo, prestar os auxilios necessários na confecção, expedição e transporte dos nossos jornais, assim, como se interessar pela sua vida economica.

Para isso tomará a si o encargo de organizar os nossos festivais, promover excursões, distribuição de manifestos e de convocação dos nossos comitês, assembléas e reuniões.

Como o objetivo desta agremiação é trabalhar para a difusão da propaganda libertaria,

nesses campos muito ha que fazer, todos os que estimem e simpatizem com a nossa obra, todos os amigos de "A PLEBE", e de outros nossos jornais e publicações, serão chamados a dar a sua adesão, a prestar o seu concurso, para trabalhar muito, trabalhar sempre pela obra em que todos devemos estar empenhados.

Na próxima terça feira, á noite, haverá nova reunião, no salão da Federação.

Écos do festival

Os camaradas que organizaram o nosso festival do sabado ultimo, pedem encarecidamente para que todos os companheiros que levaram convites para o mesmo, se apressem em fazer as pazes com a lista de distribuição de convites.

COMITÊ DE RELAÇÕES DOS GRUPOS ANARQUISTAS

Por falta de espaço, deixamos para o próximo numero, a publicação de um apelo desse Comitê, a todos os grupos libertarios do Paiz.

A correspondencia para o Comitê deve ser dirigida ao camarada A. Chaves — Rua Uruguaiana, 37 - S. Paulo.

Nosso Balancete

ENTRADAS

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes entries like De Itaquera, Palmeira - Paraná, Campinas, Rio de Janeiro, Mundo Novo, Uruguaiana, Piraju, Jundiá, assinaturas e contribuições na redação, Pacoteiros de S. Paulo, Lista de Vila Talarico, Lista n.º 95, Lista n.º 110, Lista n.º 109, Total.

DESPEZAS

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes entries like Deficit do balancete anterior, Confeção e compilação do n.º 32, Confeção e compilação do n.º de hoje, Selos para expedição 30 e 31, Selos para expedição, correspondencia, registados e exterior do n.º passado e de hoje, 1 despacho, Barbante e goma, 1 bloco de papel e 100 envelopes, Total.

CONFRONTO

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes entries like Despesas, Entradas, Deficit.

MORTE AO "DEFICIT" DE "A PLEBE"

Para aliviar a penosissima situação economica de "A Plebe", para evitar sermos forçados a faltar com a sua publicação regular como vimos fazendo ha 8 mezes, um camarada ofertou-nos um fogão economico, de tres bocas e forno, no valor comercial de 150\$000.

"A Plebe" o oferece como brinde a todos os seus amigos que concorrerem com 5\$00, para a morte do "deficit".

A escolha do brinde sera feita pela loteria federal do dia 19 de Agosto.

Os camaradas da capital e do interior devem procurar adquirir deites cartões brindes. Façam pedidos.



UNIAO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS

A assembléa geral da classe, a realizar-se na proxima segunda-feira, ás 20 horas, em nossa sede social, á rua Quintino Bocaiuva, 80, será precedida de uma conferencia publica.

Para pronunciá-la, esta União convidou o camarada A. Pinho, que discorrerá sobre tema de atualidade.

Pede-se a todos os membros da União, a todos os trabalhadores em calçados e anexos para que compareçam a esta assembléa.

Festival: Ativam-se os trabalhos preparatorios do grande festival com o qual esta União comemorará, no proximo dia 5 de Agosto o seu 16.º aniversario de sua fundação. Os convites já estão sendo distribuidos.

Da nossa co-irmã do Rio, já recebemos comunicação de que se fará representar por tres membros de seu quadro social.

SINDICATO DOS MANIPULADORES DE PÃO E CLASSES ANEXAS

(Filiado á Federação Operaria de S. Paulo)

Este Sindicato realizará, amanhã, domingo, ás 15 horas, na sua sede social, á rua Quintino Bocaiuva, 80, uma assembléa geral da classe.

Tendo uma importante ordem do dia a discutir, pede-se a todos os trabalhadores em padarias e confitarias para que não faltem a esta importante reunião da classe.

EM SANTOS

Proveltoza troca de ideias — Conferencia transferida

Conforme noticiamos, promovida pelo Sindicato dos Empregados em Padarias, no domingo passado, o camarada Herminio deveria pronunciar uma conferencia sob o tema "A organização Operaria através dos tempos". Mas, na hora em que devia-se realizar esse ato, uma chuva abundante, desabou sobre a cidade, prejudicando, em parte, a realização do mesmo. Contudo, entre as várias delicias de pessoas presentes, foi feita proveltoza troca de ideias e uma li-

geira palestra sobre assuntos sociais, verificando-se quão patente é a solidariedade e camaradagem existente entre o proletariado.

Conferencia publica

No próximo domingo, 23, ás 20 horas, na sede do Sindicato dos E. em Padarias, á rua 15 de Novembro, 50, o camarada Herminio Marcos fará a sua conferencia sob o tema "A organização Operaria através dos tempos".

UNIAO OPERARIA DE ANAPOLIS

(Estado de Goiaz)

Desta associação proletaria recebemos o seguinte comunicado:

A União Operaria de Anápolis (Goiaz), desejando entrar em relações com todas as sociedades congêneres, pede ás associações proletarias, a fineza de enviarem os seus respectivos endereços afim de podermos manter uma correspondencia em prol dos interesses das classes laboriosas do Brasil.

DE CAMPO GRANDE

A exploração que por lá campela

Desta cidade da estrada Noroeste, Estado de Mato Grosso, recebemos dois impressos em que a Sociedade Operaria União dos Trabalhadores de Campo Grande protesta contra a maneira como os ars. Tomé & Irmãos se conduzem para com os trabalhadores locais e ibos de fora.

Tendo em 1929 havido lá uma greve aqueles, senhores importaram de S. Paulo alemães e húngaros e dessa maneira continuaram a trabalhar e a greve fracassou.

Agora contratando as obras mililões mandaram buscar a S. Paulo e Santos, operários em numero sufficiente para levar adiante as ditas construções, desprezando o operariado de Campo Grande.

Succede, porém, que essa desalmada firma promete um ordenado mínimo de 1\$000 por hora e só por 1\$000, descontando ainda de cada um

